

Educação e Saúde: Considerações a Respeito da Atuação Interdisciplinar em uma Comunidade Escolar

Área Temática de Saúde

Resumo

A Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI desenvolvia atividades em saúde do escolar. Eram ações assistencialistas, de diagnóstico, de encaminhamentos e atividades educativas em saúde. Em 1999, foram integrados projetos e cursos, buscando uma abordagem interdisciplinar e de promoção de saúde. Os cursos de Enfermagem, Fonoaudiologia, Odontologia e Psicologia desenvolveram o PAESCE. Esse programa objetivou trabalhar a saúde e a educação dentro do paradigma da promoção de saúde. Inicialmente fez-se um levantamento de dados para identificar a representatividade da escola para alunos e professores, problemas, necessidades e sugestões para tornar a escola um ambiente efetivo para formação de cidadãos. Após reunião com professores, buscou-se romper com a lógica dominante e criar espaços para a expressão das subjetividades. Realizaram-se oficinas, aulas lúdicas de matemática, discussão sobre sexualidade, jogo da saúde, gincana do conhecimento. Com os professores fez-se reuniões, curso de aperfeiçoamento, assessoria às professoras da pré-escola à 4a. série e participação nos momentos de re-planejamentos. Como conclusão, destaca-se a criação de uma relação de respeito e diálogo, a reflexão sobre a prática pedagógica e o papel desenvolvido pela escola, a sedimentação de conceitos referentes a saúde e cristalização da concepção da escola como uma instituição importante para a transformação social.

Autores

Léia Viviane Fontoura - Psicóloga, Mestre em Educação, Professora do curso de Psicologia
Salette Galvan - Enfermeira, Mestre em Inovação Tecnológica, professora do curso de Enfermagem.

Adir Luiz Stiz - Odontólogo, Mestre em Saúde Coletiva, professor do curso de Odontologia

Instituição

Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI

Palavras-chave: educação; saúde; interdisciplinaridade.

Introdução e objetivo

Desde 1987, a UNIVALI vinha desenvolvendo atividades na saúde do escolar, nas escolas da microrregião do Vale do Itajaí, envolvendo os docentes e discentes do curso de Enfermagem. Em 1996, o curso diversificou seus campos de intervenção na comunidade, mantendo ainda uma escola pública estadual de educação básica. O desenvolvimento das atividades na escola priorizava o levantamento de problemas de saúde através de exames físicos, testes de acuidade visual e auditiva, encaminhando os casos alterados para serviços especializados e ministrando palestras com turmas de alunos para a prevenção de doenças.

O Centro de Educação Superior de Ciências da Saúde, em 1999 propôs a integração dos projetos, nos diversos cursos, para otimização e desenvolvimento da cultura interdisciplinar. O projeto tomou então nova dimensão saindo do paradigma assistencial na concepção de saúde do escolar e construindo em sua práxis a promoção de saúde, implementando ações com os sujeitos envolvidos nessa instituição.

A equipe interdisciplinar é composta por um professor e dois bolsistas de Psicologia, Enfermagem, Odontologia e Fonoaudiologia, que buscou a sua integração e discutiu sobre as contribuições das ciências envolvidas, e a forma de articulação entre elas para as ações, estabelecendo como objetivo: Contribuir para o desenvolvimento da comunidade escolar, traçando e executando ações de âmbito preventivo/educativo na promoção da saúde integral. Para a realização do planejamento das ações, a equipe do PAESCE se reúne quinzenalmente e cada professor com seus bolsistas semanalmente. Estes atuam na escola diariamente nos dois turnos de funcionamento: matutino e vespertino, com orientação dos professores da Universidade. A população envolve vinte e quatro profissionais e aproximadamente quatrocentos alunos, bem como suas famílias.

Compreendemos que a escola é uma das instituições básicas da sociedade no processo de desenvolvimento da saúde. De acordo com González Rey “Promover saúde é antes de tudo, educar um modo de vida diferente, no qual as atividades desenvolvidas pelo sujeito estejam comprometidas com o seu desenvolvimento e bem estar”. (1997, p. 08). Assim, o sujeito que é educado para ser um agente transformador da sua realidade social, estará promovendo a sua saúde e a da sua comunidade.

Frente a esta postura, a equipe integrou-se nas atividades curriculares, construindo a análise da instituição através da observação no cotidiano da escola, nas salas de aulas, nos intervalos, nas reuniões com professores, direção e especialistas bem como conversas individuais e intervenções em situações nos grupos de alunos e professores.

A análise da instituição revelou que há dificuldades na realização de atividades coletivas, com problemas no relacionamento interpessoal dos vários atores sociais da comunidade escolar. Entre estas, destacam-se as relações autoritárias, que entendemos como relações de poder disciplinar, de organização do tempo e espaço. As ações pedagógicas e atitudes da maior parte dos professores, em sua cotidianidade, indicaram incongruência com a proposta do plano político pedagógico da escola.

Após a apresentação e discussão desses resultados, sempre provisórios, junto aos profissionais da escola, traçamos ações conjuntas para atuarmos na direção de que os sujeitos promovam sua autonomia, enfocando as relações como abertura de espaços em que as diferenças possam ser explicitadas e analisadas. Esta devolutiva oficial ocorreu a cada início de ano (2000, 2001 e 2002), nas reuniões de planejamento dos professores, onde discutimos nossos avanços e impasses. Dessa forma, trabalhamos numa postura interdisciplinar com os grupos de alunos e professores implantando e implementando atividades que conduzam a concretização do plano político pedagógico da escola.

Metodologia

O trabalho na escola foi permeado por uma série de avanços e retrocessos, o que faz parte do contexto institucional, que é palco de conflitos, contradições e resistências. Segundo Petitat (1994), a escola apresenta-se como uma resposta a certas necessidades e condições, favorecendo a invenção, ou seja, a criação dos sujeitos que vivem em sociedade.

Compactuamos que a educação escolar só pode ser pensada em seu contexto histórico-cultural, na trama de relações e suas instituições. Concordando com Severino (1991, p. 36), “a prática pedagógica é influenciada por múltiplas dimensões: social e política, filosófica, ética, histórica etc”.

Neste sentido, as atividades desenvolvidas com as turmas de alunos foram planejadas e executadas sempre com a participação, direta ou indireta, dos professores. Passaremos a apresentar, brevemente, algumas das ações desenvolvidas nestes quatro anos de existência do PAESCE.

No ano de 2000 foi realizado um levantamento, com todas as turmas de alunos, para que pudéssemos obter dados acerca de como percebem a escola. Solicitamos que eles

colocassem como é sua escola e como gostariam que ela fosse, bem como sugestões para as melhorias. A metodologia utilizada com os alunos de 3ª à 8ª série foi através de discussão em pequenos grupos, confecção de cartazes e apresentação para a turma. Com os alunos da pré-escola à 2ª série foi solicitado que desenhassem e explicassem.

As questões levantadas pelos grupos de quinta a oitava série e classe de aceleração giraram em torno de: bons professores, boas atividades oferecidas na escola, bons colegas, inexistência de um grêmio estudantil, violência, limpeza inadequada, professores desinteressados, diretora autoritária, poucas atividades extracurriculares, materiais precários para portadores de necessidades especiais, estrutura física precária (quadra, mato, laboratório de ciências), biblioteca defasada, desorganização de professores (absenteísmo e troca) e inexistência de aulas de reforço. As sugestões dadas pelo grupo foram: aproveitamento do espaço físico, expulsão de alunos desinteressados, compra de materiais didáticos, ampliação da biblioteca, criação de um laboratório de ciências, respeito aos professores e aos alunos, diversificação no cardápio da merenda e dos produtos alimentícios, oferecidos na cantina, promoção de eventos e manutenção de portas fechadas durante os intervalos.

Em relação ao grupo de pré-escola à quarta série, as questões levantadas foram: é bom estudar nesta escola, bons professores, gostam das orientadoras educacionais, aula de Educação Física boa. Expressaram descontentamento com a estrutura física, mais especificamente com a desativação do parquinho, a quadra, a inadequação dos bebedouros (alto demais para a maioria alcançar), a falta de materiais na sala de jogos; a limpeza insuficiente nos banheiros e a merenda ruim. Relataram ainda, o desrespeito entre colegas e professores e a direção considerada muito “braba” (sic). As sugestões foram: o plantio de flores, a ativação do parquinho, aulas de computação, passeios pedagógicos, reformar a quadra, adequar os bebedouros, variar o cardápio da merenda, e a criação conjunta das normas de convivência.

Durante o levantamento constatamos que os alunos, de quinta a oitava série, incluindo a classe de aceleração, demonstraram um grande descontentamento acerca do autoritarismo da direção atual, pedindo uma mudança de postura ou o seu afastamento. Do mesmo modo que falavam do autoritarismo da direção, solicitaram a expulsão de alguns colegas que “perturbam a paz” e o fechamento das portas da escola no período do recreio. Observamos a resistência de alguns alunos em se comprometer com as mudanças que sugeriram, direcionando estas aos demais, permanecendo sempre no seu “eu”. Apesar de citarem a inexistência de um grêmio estudantil, não houve mobilização para a efetivação de um, mesmo com todo o apoio que o grupo de bolsistas insistiu em oferecer. Tais eventos nos são elucidados por Rocha ao escrever que o modo de subjetivação que é veiculado pelas escolas não se reduz a transmissão dos saberes. “O sistema de significação dominante atravessa a conformação do sujeito social, configurando modos de valorização, de sensibilidade, de desejo e de representação do mundo”. (2000, p. 195).

Frente a este levantamento e após reunião com os professores e direção, traçamos ações que acreditamos ter fugido à lógica dominante, constituindo espaços para expressões de subjetividades.

Com as turmas de 5ª à 8ª séries e classe de aceleração foram realizadas as seguintes atividades:

Oficinas com os temas multidisciplinares: Em observações das aulas constatamos que uma única disciplina abordava os temas. Além disso, foi observado também que havia problemas de relacionamento entre alunos/alunos e alunos/professores.

Diante dessa realidade, optou-se então em trabalhar o conteúdo dos Temas Multidisciplinares através de oficinas, realizadas extraclasse aos sábados. Essa estratégia caracterizou-se pela interdisciplinaridade e transversalidade. Também oportunizou aos alunos discutirem esses conteúdos a partir de seus saberes, a realidade escolar e os problemas

personais e interpessoais existentes. Sendo assim foram planejadas cinco oficinas com os seguintes temas: Saúde: Projeto de vida ou Projeto de Morte?; Meio Ambiente: o EU, o NÓS, e a Preservação do Meio Ambiente; Sexualidade; Ética: meus direitos e meus deveres; Trabalho e Cidadania: Cresci e Agora? Como resultados dessa experiência destaca-se a sensibilização dos alunos quanto à contribuição de cada um na determinação das características do meio escolar, familiar e comunitário em que estão inseridos; na conscientização em relação à importância da formação para a concretização dos projetos de vida; discussão dos problemas existentes na escola e apresentação de propostas para solucioná-los.

Matemática divertida: Por solicitação da professora de matemática, desenvolvemos uma série de jogos, onde as estratégias de ação para as atividades relacionadas à disciplina visaram, também, incentivar a cooperação e integração dos alunos, em primeira instância nas turmas, e em segundo momento, entre as séries. Esta atividade revisou, por aproximadamente um mês, os conteúdos ministrados de forma lúdica, oportunizando as turmas a conhecerem-se melhor, alcançando os objetivos propostos para o trabalho. A professora da disciplina adotou alguns dos jogos como prática pedagógica.

Discutindo à sexualidade: Em reunião com os professores, estes solicitaram um trabalho sobre a sexualidade, tendo em vista os comentários que ouviam dos alunos, indicando falta de conhecimento e necessidade de um espaço para discussão. Visitamos todas as salas de aula e propomos aos alunos alguns encontros para discutirmos sobre o tema. Com aprovação de todas as turmas, solicitamos questões e dúvidas para serem entregues no dia seguinte. Recolhemos as questões de cada turma e constatamos um grande número de dúvidas, tabus e mitos. Realizamos três encontros com cada turma, onde foram tratadas as suas especificidades. No primeiro encontro optamos pela técnica expositiva dialógica, fazendo uso de vídeo e material impresso. No segundo e terceiro encontro debatemos sobre questões que eles propuseram.

Jogo da saúde: Aproveitando os conteúdos da disciplina de ciências e alguns encontros que realizamos nas turmas para trabalharmos com temas relativos aos cuidados com a saúde, confeccionamos e aplicamos um jogo que teve como inspiração o “Jogo do Milhão”, do programa comandado por Sílvio Santos na emissora do SBT. As turmas foram organizadas em equipes. Cada pergunta continha três respostas em que o grupo deveria escolher a correta para ganhar o ponto. Se houvesse dúvidas, poderiam recorrer às placas. No início do jogo as respostas eram aleatórias, sem o consenso da equipe. Com a perda de pontos mudaram a estratégia, entendendo que era necessário discutir a questão para votarem na resposta da equipe. Em algumas turmas foi percebido que a apresentação das opções das respostas tornava algumas questões muito fáceis de serem respondidas e, por isso, foram retiradas, passando a ser feita apenas a pergunta. Este procedimento propiciou a discussão da resposta correta nas equipes, favorecendo a discussão, o questionamento e maior envolvimento na tarefa. A cada pontuação errônea, a turma era instigada a verbalizar qual a resposta correta. Nas dúvidas as bolsistas intervinham, esclarecendo. De forma geral esta atividade propiciou um exercício de comunicação e respeito ao conhecimento e opinião do outro. Os alunos avaliaram positivamente e sugeriram a continuação de atividades semelhantes.

Gincana do conhecimento: Atendendo às expectativas dos alunos frente à solicitação realizada após o jogo da saúde, realizamos uma gincana. Foi elaborada com a participação dos professores, que confeccionaram perguntas e três opções de respostas dos conteúdos ministrados ao longo do bimestre. Além dessas, acrescentamos questões referentes aos cuidados com a saúde. A atividade foi desenvolvida por turmas, no pátio da escola. A equipe ganhava pontos pelo acerto das questões e também pela execução correta e/ou mais rápida de tarefas sorteadas. Estas envolviam uma série de ações, tais como: colocar o nariz no palhaço, com uma venda nos olhos; passar o balão entre as pernas, ou por cima da cabeça, até que a

primeira pessoa da fila ficasse em último lugar e muitas outras brincadeiras. Os alunos participaram e se empolgaram com a atividade. Em geral acertavam as respostas, ficando o conteúdo relativo ao Estatuto da Criança e do Adolescente o que mais gerou dúvidas e erro, sendo estas esclarecidas e discutidas. Os professores ficaram satisfeitos com o desempenho de seus alunos e avaliaram a atividade positivamente.

Todas as ações realizadas com os alunos foram desenvolvidas com a intenção de contribuir para o conhecimento dos conteúdos, e principalmente, enfocando as relações, abrindo espaços para o novo, tentando quebrar a lógica homogeneizante e cristalizada do tédio na cotidianidade da escola (Rocha, 2000).

Com os professores foram realizadas as seguintes atividades: no primeiro momento, solicitamos uma reunião com todos os professores, especialistas e direção. Nosso objetivo foi de realizar um levantamento, para que pudéssemos obter dados acerca de como percebem a escola, investigando os pontos comuns com os resultados obtidos dos alunos e analisar com os professores a viabilidade de mudanças sugeridas. Dividimos o grupo em pequenas equipes, onde deveriam descrever a escola que temos e a escola que queremos, da mesma forma que foi realizado com os alunos. Foram confrontados os dados dos grupos, sintetizados e discutidos. Houve concordância entre os professores e alunos nos seguintes pontos: o autoritarismo da diretora, a precariedade da limpeza, as faltas em excesso. As discrepâncias também se tornaram evidentes. Segundo os discursos dos professores, buscavam alunos críticos, produtores e pessoas capazes de “apreender” (sic). Entretanto, em sua prática, tratavam os alunos como seres a serem moldados, que deveriam apenas se comportar como expectadores. Tais atuações apareceram fortemente impressas nas falas dos alunos.

Em relação ao descontentamento dos alunos, acerca da depredação e da falta de higiene da escola, entendemos que não há consciência e apropriação do espaço escolar como seu, mas representa a diretora e/ou os professores, pois, os próprios alunos acabam por depredá-la e sujá-la. É claro que esta hipótese está calcada, também, nas observações das práticas pedagógicas no exercício do poder disciplinar.

Quanto às possibilidades de atendimento às sugestões dos alunos, algumas foram sendo realizadas ao longo do ano seguinte, tais como: implementação de atividades extraclasse, reforma do parquinho, plantio de flores e folhagens, melhora na limpeza da escola e campanha junto aos alunos para preservá-la, o portão passou a ser fechado, porém não só na hora do intervalo como o solicitado, mas logo após o início das aulas.

Nesta reunião os professores também sugeriram que os encontros com o PAESCE passassem a ser sistemático uma vez por mês, a fim de serem discutidos temas específicos e acompanhamento do trabalho.

Reuniões mensais: a direção da escola disponibilizou duas horas aulas, uma vez ao mês, para que discutíssemos temas específicos que foram solicitados pelo grupo.

O primeiro tema foi um pedido da direção que desejava sensibilizar alguns dos professores para receberem alunos portadores de necessidades especiais. Trabalhamos com uma vivência, seguida de debate. As questões de resistências estavam situadas nas dúvidas quanto aos procedimentos didáticos. Como houve o esclarecimento que haveria o assessoramento de profissionais, os professores se tranquilizaram.

O tema da sexualidade gerou dois encontros, onde foram expostos os objetivos, conteúdos e metodologia da educação sexual. Os professores tiraram dúvidas a respeito de formas de contágio, sintomas e cuidados no tratamento de doenças sexualmente transmissíveis, da diversidade de métodos preventivos existentes, bem como no manejo com situações que consideravam embaraçosas frente aos alunos. Foi apresentada, também, uma pesquisa realizada no primeiro semestre de 2001 por um grupo de acadêmicos da UNIVALI. Esta tratou do comportamento dos adolescentes em relação ao início da vida sexual,

enriquecendo os docentes quanto a informações que permitiram conhecerem melhor o perfil dos alunos.

A temática da violência foi discutida através da significação que os professores remetem ao termo. Estes apresentaram uma série de situações como a agressão física, a depredação da escola e as relações interpessoais. Este trabalho implicou na proposta do projeto da paz desenvolvido com os alunos.

O tema da saúde foi trabalhado a partir da concepção dos professores e apresentado cartazes que a equipe do PAESCE havia realizado em atividade com os alunos. Estes puderam perceber que os alunos entendem a saúde de forma integrada, crítica e despojada da díade saúde-doença. Outro tema trabalhado e implicado com a saúde foi o de impostação vocal, entendendo que a docência exige um cuidado especial com a voz.

Curso de aperfeiçoamento: Atendendo ao pedido do grupo de professores e da direção da escola, realizamos um curso com duração de 16 horas/aulas, subsidiado pela Secretaria Estadual de Educação, para o aperfeiçoamento do corpo docente. O tema solicitado pelo grupo foi a indisciplina. Organizamos o debate deste tema através das concepções de aprendizagem e desenvolvimento humano, refletindo o que é indisciplina para cada concepção. Realizamos encenações e paródias envolvendo situações do cotidiano escolar e ao final, um debate a cerca da compreensão e práticas pedagógicas utilizadas pelos professores. Este debate gerou polêmica, pois, muitos não tinham percebido, até então, as discrepâncias entre o plano político-pedagógico da escola e como atuam cotidianamente, bem como a noção das teorias que na realidade norteiam sua prática pedagógica. Foi possível então, discutir as significações de indisciplina.

Reuniões de re-planejamento: Esta atividade veio em decorrência das discussões do curso de aperfeiçoamento. Foi percebido pela equipe de professores da 5ª à 8ª série, a necessidade da abertura de um espaço para trocas de informações a respeito do corpo discente e a busca conjunta de soluções aos conflitos enfrentados em sala de aula, bem como de planejarem os conteúdos de forma mais integrada. Estas reuniões que foram chamadas de re-planejamento aconteceram uma vez ao mês, durante um semestre letivo. Como resultado desta proposta, observamos dificuldades em construir e manter este espaço de comunicação, sendo utilizado para informes de ordem administrativa.

Assessoria às professoras da pré-escola à 4ª série: as professoras solicitaram o acompanhamento dos bolsistas a fim de contribuir com a elaboração de estratégias conjuntas frente às dificuldades encontradas em sala de aula. Foram feitas observações em aula e conversado com as professoras a respeito da busca de alternativas mediadoras para as diversas situações observadas. Entretanto, constatamos que o desejo das mesmas não as implicava nas ações. Verificamos em vários momentos, a imobilidade dessas professoras em ousarem a criar. Entendemos as dificuldades de atuação frente à singularidade dos modos de apropriação dos conteúdos escolares de seus alunos. Porém, o maior entrave estava no estereótipo de aluno ideal, presente nos discursos e que se concretizava em suas relações cotidianas.

O tratamento homogeneizante da escola, dado às crianças e jovens ignora suas singularidades, tratando-os como indivíduos com uma natureza a priori, favorecendo “(...) a subjetividade mecânica através de cada elemento da comunidade, de cada signo, símbolo, ou regra que a atualiza, revigorando-se enquanto fábrica de socialização padronizada”. (ROCHA, 2000, p.186). A maneira como a escola está organizada apresenta um conteúdo explícito, o conhecimento técnico e normas de conduta; e um conteúdo implícito, a relação com a autoridade e a desigualdade atribuída ao aluno. (Bock, Furtado e Teixeira, 1993). Por isso é preciso conceber a escola como um espaço onde o saber não é manipulado como objeto neutro, nem os alunos como seres passivos, receptores dos conteúdos repassados, como foi

possível constatar nas falas e posturas da maior parte das professoras de pré-escola à quarta série.

Resultados e discussão

As ações desenvolvidas pelo PAESCE tomaram como tema norteador à promoção de saúde, adotando a abordagem institucionalista, promovendo questionamento da lógica instituída, na busca de criar novos territórios para a expressão das subjetividades. Isto porque, compreendemos a escola como palco de conflitos, de relações de poder. É também cenário de possibilidades de atuação criativa e assertiva de seus membros, marcado pela imprevisibilidade e configurando-se singularmente, provisoriamente, nos oportunizando assim, interceder no cotidiano da instituição.

Durante o desenvolvimento das atividades na escola, construímos uma relação de respeito e diálogo com os profissionais e alunos da instituição. Sentimos sempre o recomeçar, apresentando o projeto e as ações para as três diretoras que neste tempo atuaram na escola, como no início de cada ano letivo, com as trocas de professores. Em fevereiro de 2003 haverá nova direção e novos professores, o que nos move para uma reavaliação constante e a busca de outros caminhos para a práxis. É preciso registrar o empenho e parceria que a última diretora conquistou. Compreendeu e acreditou em nosso trabalho, abrindo espaço de discussão com os professores mensalmente, o que antes parecia impossível.

Também nossa equipe de bolsistas já alterou algumas vezes, em função dos compromissos acadêmicos, ou pelo término dos mesmos, ocorrendo o desligamento do vínculo com a Universidade. De um lado perdemos pela afinidade e cumplicidade que estabelecemos, além do conhecimento construído nas discussões teóricas e no cotidiano escolar. Por outro lado, posições e idéias se renovam com a chegada de outros bolsistas.

Acreditamos que um fator gerador das dificuldades dos profissionais da escola em lidar com os conflitos nos limites da instituição esteja ligado ao tédio institucional, ao sentimento de que os problemas na escola não têm solução, que é uma luta inútil. Outro fator está ligado aos estereótipos e preconceitos em relação às famílias dos alunos. Estas consideradas hostis e incapazes de acompanhar o desenvolvimento de seus filhos. Boa parte apresenta uma visão determinista, do modelo médico, na busca de patologias, diagnósticos e receitas, desconsiderando as relações e implicações sociais, econômicas, políticas e culturais envolvidas na construção dos sujeitos.

Conhecemos alunos que vivenciaram um processo de ensino-aprendizagem de pouca qualidade. A falta de motivação destes em relação a seu aprendizado e as dificuldades cotidianas, somadas ao estigma que se forma sobre estes, transformam o processo educativo numa tarefa pesada e lenta. Estes alunos não sofrem de desvios mentais ou transtornos de conduta. Respondem na defensiva ao modo como são tratados, devolvendo aos professores e colegas as relações autoritárias dos quais são "(...) condicionados, mas não determinados." (Freire, 2002, p.21).

Nossa posição implica em reconhecer que não existem causas individuais para os fenômenos humanos, pois estão engendrados e viabilizados na rede de relações. Portanto, existem pessoas com distúrbios, existem lesões que prejudicam o processo ensino-aprendizagem, existe pobreza, existem problemas emocionais, familiares, pais alcoólatras, professores percebendo problemas individuais na criança. Existem crianças que merecem atendimento psicoterápico, pois estão sofrendo e paralisadas. Mas não é possível estabelecermos uma relação direta de causa e efeito entre essas questões e a capacidade de aprender. (Machado, 2000, p.146).

No decorrer dos encontros com os professores apareceram, repetidamente, o discurso da culpabilização da família, e seu desejo de terem uma fórmula pronta para a resolução dos conflitos em sala de aula, marcados pela verticalidade, na postura tradicional das práticas

pedagógicas. Como proposta para o ano de 2003, estamos discutindo o estreitamento dos laços com essas famílias. Queremos ouvir o que pensam sobre a educação de seus filhos e esta escola, e quem sabe, propiciar um vínculo de parceria nas ações educativas.

Nossa permanência na Instituição se revestiu de momentos gratificantes, mas também, de frustrações e necessidades de reavaliações constantes de nosso fazer e saber. As dificuldades e resistências nos levam a buscar caminhos e leituras que nos possibilitem ir além da compreensão dos fenômenos, ou seja, na intercessão da micropolítica da instituição, buscando criar um outro tempo/espaço.

As concepções epistemológicas que permeiam as práticas da escola e suas diferenças com o trabalho proposto pela equipe de extensão estiveram presentes, nas discussões e embates de nosso cotidiano. Compreendendo melhor a diversidade de opiniões e expectativas envolvendo o projeto, nas demandas da escola, passamos a entender nossas dificuldades na efetivação de algumas atividades.

Concordando com Veronese (2001), a posição caracterizada pelo tensionamento produtivo entre diferentes saberes pode abrir espaços de mediação para a emancipação de sujeitos éticos, ficando claro a necessidade de evitarmos o “epistemicídio” (Santos, 1989).

Acreditamos na importância da continuidade dos trabalhos, em busca de uma postura mais crítica, reflexiva e criativa tanto dos agentes institucionais, como de nossa equipe, frente às diferenças, desafios e possibilidades da efetuação de um trabalho interdisciplinar para a promoção de saúde.

Referências bibliográficas

BOCK, A.M.B.; FURTADO, O. e TEIXEIRA, M.L.T. Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GONZALEZ REY, Fernando. Psicologia e saúde: desafios atuais. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, vol.10, n.2, p.275-288, 1997.

MACHADO, A.M. Avaliação psicológica na educação: mudanças necessárias. In: TANAMACHI, E. R.; ROCHA, M.L. e PROENÇA, M. (orgs.). Psicologia e educação: desafios teórico-práticos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 143-167.

PETITATI, A. Produção da escola/produção da sociedade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

ROCHA, M.L. Educação em tempos de tédio: um desafio à micropolítica. In: TANAMACHI, E. R.; ROCHA, M.L. e PROENÇA, M. (orgs.). Psicologia e educação: desafios teórico-práticos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 185-207.

SANTOS, S.V. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1989.

SEVERINO, A. J. A formação profissional do educador: pressupostos filosóficos e implicações curriculares. ANDE. São Paulo: Cortez, Ano 10, n.17, p. 29-40, 1991.

VERONESE, M.V. Práticas institucionais. In: RIVERO, N.E.E. (org.). Psicologia Social: estratégias, políticas e implicações. Santa Maria: ABRAPSOSUL, 2001, p.141-150.